

ESTADO, CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL NO TEMPO DE VARGAS

João Henrique Zanelatto¹

RESUMO

O texto a seguir pretende fazer uma pequena resenha historiográfica de algumas interpretações culturais sobre o período Vargas (1930–1945). Esses trabalhos procuram demonstrar como o Estado lançou mão de várias estratégias para disciplinar a sociedade e construir uma identidade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Identidade Nacional. Era Vargas.

ABSTRACT

This work aims to make a historiographic review with some cultural interpretations about the Vargas period (1930–1945). These work try demonstrate how the state resorts many strategies for discipline the society and build a national identity.

KEYWORDS: Culture. National Identity. Vargas Age.

INTRODUÇÃO

A partir de outubro de 1930, teve início um período, 1930–1945, conhecido na historiografia como a Era Vargas, isso porque Getúlio Vargas foi a figura predominante no cenário político nacional. Esse período foi marcado por muitas tensões: inicialmente a revolução de 1930, que elevou Vargas ao poder do estado; crise da democracia liberal; ascensão dos fascismos; processo de centralização política; controle da organização operária; construção da identidade nacional; o movimento de 1932 em São Paulo; a Constituição da Ação Integralista Brasileira e da Aliança Nacional Libertadora; a promulgação da Constituição de 1934; a Intentona Comunista em 1935; o fechamento político; golpe de Getúlio em 1937 e a Segunda Guerra Mundial. Esses foram alguns acontecimentos que marcaram o período e analisados por várias correntes historiográficas.²

¹ Doutor em História, professor do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

² Sobre a historiografia da Era Vargas destaca-se: GERTZ, René E. Estado Novo: Um Inventário Historiográfico. In: SILVA, José Luiz Werneck da. (Org.). *O Feixe e o Prisma: Uma revisão do Estado*

AS REPRESENTAÇÕES DO NACIONAL POR MEIO DA MÚSICA

Arnaldo Contier⁵, em seu livro, aborda a implantação dos cursos de música e a formação cívica dos estudantes desde o início do século XX até o Estado Novo. Procura analisar as relações da atividade musical com o poder, principalmente no primeiro governo de Vargas. Enfatiza a identificação entre o projeto de Vargas e o campo musical, e isso fica evidenciado em relação a alguns compositores, entre eles, Villa-Lobos. Destaca o surgimento do canto orfeônico nas escolas, culminando com os espetáculos cívicos artísticos. Analisa também a influência da música na propagação do Varguismo e na classe trabalhadora por meio do lazer operário.

Contier observa, no momento da revolução de 1930, a grande exaltação ao estado, ao trabalho, à Nação pela música. O canto orfeônico tornou-se nesse período um fator importantíssimo de difusão do sentimento de patriotismo e do desenvolvimento da consciência nacional entre a massa popular e entre as novas gerações. A difusão centrada em Vargas e Villa-Lobos torna eficaz a “socialização” do conceito de brasilidade na música e na política, tornando-se, assim, um verdadeiro instrumento de propaganda na década de 1930, repercutindo em todas as camadas sociais. Manifestações foram feitas com caráter cívico-artístico reunindo um número maior de pessoas buscando sempre a manutenção do Varguismo, fortalecendo o senso de disciplina para operários e estudantes, pois entendiam que o estímulo ao trabalho contribuía para uma nação forte.

Por outro lado, o artigo de Tânia Garcia⁶ analisa a canção popular enquanto representação do nacional e a constituição da imagem de Carmem Miranda como símbolo dessa brasilidade. A divulgação em rádios, discos, cinemas e na revista *O Cruzeiro* fez o samba carioca transformar-se em samba nacional. Tanto o samba como as marchinhas gravadas por Carmem Miranda conquistaram a “nação”. A música popular dos anos de 1930 constituiu-se numa das representações do País, passando a integrar a identidade nacional.

A representação do imaginário social e político dos anos de 1930 constituiu-se, a partir das interpretações de Carmem Miranda, com seus sons e sentidos, na canção popular urbana. Do repertório da cantora, destacavam-se temas como o morro em

⁵ CONTIER, Arnaldo D. *Passarinhada do Brasil: canto orfeônico, educação e getulismo*. Bauru: EDUSC, 1998.

⁶ GARCIA, Tânia Costa. A canção popular e as representações do nacional no Brasil dos anos 30: A trajetória artística de Carmem Miranda. In: *Revista Questões e Debates*, Curitiba, n. 31, 1999, p. 67-94.

O Estado Novo tentou “domesticar” a cultura brasileira, tentando dar-lhe aspectos de civilidade, moralidade e disciplina. Para tal, era imprescindível cooptar intelectuais que deveriam realizar a transição do que fosse particular e popular para abrangente, coletivo e erudito. Mestre Bimba, a partir do contato com universitários de Salvador, nos anos de 1930, reorganizou as técnicas e os rituais de luta para torná-la aceitável aos extratos sociais superiores. A capoeira proposta por mestre Bimba permitiu a transitoriedade do que era particular e popular para outras camadas da sociedade brasileira, não havendo a substituição da luta, mas sim modificações que permitissem sua entrada em outras esferas.

A reação vem da capoeira angolana liderada por mestre Pastinha, o qual “transforma-se em um verdadeiro ‘guardião’ das tradições... sempre referido como contraponto de mestre Bimba considerado deturpador das tradições”.¹¹

Contudo, para o autor, o uso da capoeira ajusta-se à concepção de disciplinar o corpo, presente na ideologia do Estado Novo. Em vez de brincar na rua, onde não havia regras, surge a proposta de lutar em locais fechados, com normas e procedimentos propostos por mestre Bimba. Vieira ainda ressalta que “a capoeira regional de mestre Bimba reflete a difusão dos princípios militaristas que vigoram na política do período Vargas na sociedade brasileira”.¹² Esses princípios pressupunham habilidade e resistência física, cumprimento e manutenção dos deveres, obediência ao mestre (chefe nacional) e disciplina para obter a vitória. Assim a capoeira coadunava-se com o esforço de construção da nacionalidade, configurando-se como elemento cultural “autenticamente brasileiro”.

O artigo de Fabio Franzini¹³ aborda as relações entre futebol e a sociedade brasileira e sua identificação nacional nos anos de 1930. O futebol foi popularizado; e seus jogadores, profissionalizados pelos meios de comunicação, principalmente o rádio. O futebol estabeleceu-se como meio de integração social da população brasileira, dando-lhe uma identificação de cidadania relacionada diretamente ao período Vargas.

Introduzido no Brasil no final século XIX, o futebol não parou de crescer, mesmo com seu caráter elitista. O esporte inglês difundido inicialmente em clubes e escolas, logo propagou-se para as camadas populares, que passaram a adequar o

¹¹ VIEIRA, Luiz Renato. Idem. p. 112.

¹² VIEIRA, Luiz Renato. Idem. p. 125

¹³ FRANZINI, Fabio. Fútbol, identidad y ciudadanía en Brasil em los años “30”. <http://www.efdeportes.com/edf10/anos30e.htr>. (capturado em 29/7/2003).

